

PAISAGENS LINGUÍSTICAS: A DIVERSIDADE MULTILÍNGUE NO CENTRO DE SANTA MARIA - RS

Marlon da Fonseca Misceno Araujo ¹

Karen Letícia Bueno da Silva ²

Ana de Nazaré Egas Praia ³

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar como se dá na paisagem linguística da região central de Santa Maria, município localizado no interior do Rio Grande do Sul, a presença de línguas estrangeiras e como se apresentam os empréstimos idiomáticos entre essas línguas e o português brasileiro. Para isso, realizamos o levantamento do corpus considerando alguns nomes de estabelecimentos comerciais localizados no Calçadão de Santa Maria e nas ruas Floriano Peixoto, Dr. Alberto Pasqualini e Acampamento. Os exemplos coletados demonstraram o quanto a pluralidade linguística é um fator sociocultural e que permeia o cotidiano dos sujeitos que circulam pelo espaço plurilíngue, registrando nas vias públicas de Santa Maria encontros entre o contexto brasileiro, mais especificamente gaúcho, e o meio exterior, indo além das fronteiras administrativas que definem o território nacional, nos permitindo compreender algumas das pistas relativas aos posicionamentos políticos dos sujeitos da comunidade local.

Palavras-chave: paisagem linguística; espaço multilíngue; pluralidade.

LINGUISTIC LANDSCAPES: MULTILINGUAL DIVERSITY IN THE CENTER OF SANTA MARIA- RS

Abstract: The present work aims to analyze how the presence of foreign languages occurs in the linguistic landscape of the central region of Santa Maria, a municipality located in the interior of Rio Grande do Sul, and how the idiomatic borrowings between these languages and Brazilian Portuguese are presented. For this, we surveyed the *corpus* considering some names of commercial establishments located on the Calçadão Santa Maria and on Floriano Peixoto, Dr. Alberto Pasqualini and Acampamento streets. The examples collected demonstrated how linguistic plurality

1 Doutorando em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestre em Estudos Linguísticos pela UFSM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9782-6436>. E-mail: marlonmisceno@gmail.com

2 Doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestra em Estudos Linguísticos pela UFSM. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9692-2248>. E-mail: karen.bueno.ds@gmail.com

3 Doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6357-884>. E-mail: anadenazareegaspraia@gmail.com

is a sociocultural factor that permeates the daily life of the subjects who circulate through the plurilingual space, registering on the public roads of the Santa Maria encounters between the Brazilian context, more specifically gaúcho, and the outside environment, going beyond the administrative boundaries that define the national territory, allowing us to understand some of the clues related to the political positions of the subjects of the local community.

Keywords: linguistic landscape; multilingual spaces; plurality.

Introdução

De acordo com Berger (2022, p. 128), espaços de circulação multilíngues proporcionam múltiplas expressões e explicitam as relações de poder entre as políticas da administração pública, os falantes, as línguas que possuem prestígio socioeconômico e as línguas minoritárias. A escolha da língua expressa o posicionamento dos enunciadores e demonstra, em alguns casos, o quanto o imaginário comum continua a registrar valores de enaltecimento daquilo que representa o exterior.

É muito natural acontecer que, na vida cotidiana junto com as demandas que dela emergem, nosso olhar não dê tanta atenção aos diversos tipos de construções de sentido que são formados pelas línguas escolhidas para expressar um determinado nome de loja, centro de ensino ou empresa. Dependerá de um olhar crítico para a construção de reflexões a respeito dos tipos de vozes que são encontradas em determinado lugar e como se configuram no imaginário dos falantes, pois

[...] como a população que constitui a paisagem, não há como represar por detrás de tapumes, nem dentro de cercas e muros sem interação e sem construção identitária objetos dinâmicos como as línguas, mesmo porque tapumes, muros e cercas também ganham significação no contexto em que são erigidos. Uma vez instalados, eles inserem-se

num jogo simbólico de forças em que poderiam ser sufocados em enquadramentos mais restritos. Ainda assim, a resistência dessa dinâmica, mesmo apartada em espaços específicos, transpirará para ambientes de visibilidade (Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020, p. 1032).

Desse modo, as línguas que estão presentes em vias urbanas são registros da história social elaborada e produzida pelos sujeitos quando colocam as línguas em uso. Ou seja, é uma produção viva das relações políticas assumidas pelos sujeitos através da escolha da língua: pelo dizer e no dizer ocorre um posicionamento diante do outro.

Destarte, a presente pesquisa tem por objetivo analisar os nomes de estabelecimentos comerciais avaliando por meio de um breve recorte da zona central da cidade de Santa Maria, localizada no interior do Rio Grande do Sul. Assim sendo, a escolha desses estrangeirismos será debatida como constituinte da Paisagem Linguística local, de modo a perceber que as escolhas desses nomes demarcam no espaço público santamariense processos identitários através da língua. Ainda que se tenha demonstrado um primeiro contato, esse nosso estudo sobre paisagem linguística em Santa Maria reforça a pluralidade cultural que circula na cidade, sendo de grande importância para melhor percebermos a presença de outras línguas, para além do português brasileiro.

Política linguística e a paisagem linguística

As paisagens linguísticas nos espaços públicos funcionam como “mecanismos de intermediação entre as ideologias e as práticas de linguagem”, operando a diversidade linguística através de “escolhas semióticas” (Fernandes, 2019, p. 46) expostas nas fachadas de prédios ou nas sinalizações de vias públicas. No cenário urbano, línguas diferentes são reunidas em um mesmo contexto e implicam diferentes relações de poder entre elas, colocando a pluralidade

como “um tema de discussão do campo da Política Linguística.” (Berger, 2021, p. 120).

De acordo com Fernandes (2019, p. 48), a política linguística realiza interferências sobre as línguas usadas pelos sujeitos em locais públicos, bem como nas instituições relacionadas ao poder e mesmo com as políticas do passado, o Brasil não é um país monolíngue, pois, apesar das políticas de repressão, existem diversas línguas que fazem parte do extenso repertório linguístico brasileiro:

Como a maioria dos países – 94% deles –, o Brasil é uma nação plurilíngüe. Embora, através dos tempos, tenha prevalecido o senso comum de que o país apresenta uma impressionante homogeneidade idiomática – construída em torno da língua portuguesa –, contamos hoje com cerca de 210 idiomas espalhados em nosso território (Oliveira, 2003). De fato, as mais de 180 línguas indígenas (nheengatu, guarani, tikuna, yanomami, kaingang, ...) e 30 línguas de imigração (alemão, italiano, japonês, pomerano, talian e hunsrückisch, esses dois últimos, respectivamente, variantes do italiano e do alemão) emprestam à identidade brasileira um colorido multicultural, apesar das históricas e repetidas investidas contra essas minorias sob a justificativa de busca e manutenção de um Estado homogêneo e coeso (Paiva, 2008, p. 187).

Nesse sentido, são línguas que remontam outros contextos, mas que ao estarem dispostas em um mesmo ambiente criam “diversas territorialidades nesse espaço de convívio e que, por isso, se trata de um espaço em que muitos indivíduos constroem seus repertórios linguísticos em meio a vivências plurais.” (Berger, 2021, p. 121). O que nos permite questionar como em espaços de tamanha pluralidade, como o interior do Rio Grande do Sul, particularmente em Santa Maria, são expressas diferentes línguas na paisagem linguística do meio urbano, uma vez que a “a paisagem linguística se configura como um espelho da própria sociedade, revelando seus aspectos sociais, econômicos e políticos.” (Berger; Lecheta, 2019, p. 405)?

Metodologia e a constituição do corpus

As línguas se dispõem como fatos sociais que nos dizeres públicos retomam dizeres já ditos e, a depender do observador, também indicarão dados da subjetividade do local de formação do *corpus*. Assim, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Eliana Sturza, consideramos os sinais encontrados em algumas vias do centro de Santa Maria, cidade no interior do Rio Grande do Sul, para a constituição do corpus do presente trabalho. Para a coleta de dados foi utilizado o registro fotográfico de espaços públicos da região central de Santa Maria. Dado o tempo hábil disponível para a realização da coleta, partimos da Praça Saldanha Marinho e percorremos o Calçadão de Santa Maria e trechos das ruas Floriano Peixoto, Dr. Alberto Pasqualini e Acampamento. Assumimos o conceito neste trabalho de que

[...] os sinais, cujas funções podem ser a de comunicar (informação, instrução ou persuasão), de declarar pertencimento ou de demarcar domínio linguístico (Spolsky, 2009), referem-se às formas linguísticas que estão impressas no espaço visual público tendo como suporte as placas, os letreiros, os anúncios, os muros, entre outros (Berger, 2022, p. 135).

Assim sendo, tais gêneros discursivos podem ser classificados, essencialmente, dentro de dois tipos de paisagens linguísticas: a *top-down* e a *bottom-up*. A *top-down* é aquela que se realiza “de cima para baixo”, ou seja, se refere às sinalizações produzidas por órgãos ou sujeitos diretamente ligados à administração pública e visam atender aos desígnios do governo municipal, estadual ou federal. Por sua vez, *bottom-up*, é aquela que se realiza “de baixo para cima”, sendo sinalizações produzidas por sujeitos que não possuem quaisquer vínculos com os interesses e direcionamentos da administração pública. Assim, também adotamos as nomenclaturas “sinais oficiais

e sinais não oficiais” (Berger, 2022, p. 135) respectivamente para as tipologias *top-down* e *bottom-up*.

Nesta primeira experiência de trabalho com paisagens linguísticas optamos por escolher exemplos de sinais não oficiais dispostos nos estabelecimentos comerciais (*bottom-up*) e pelo menos um exemplo de sinal oficial (*top-down*), de maneira a tratar da diversidade linguística por meio das línguas encontradas durante a coleta de dados. Assim sendo, vamos ao nosso corpus:

Figura 1: Sinal não oficial



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Calçada de Santa Maria.

Um primeiro sinal que chamou nossa atenção no trecho do Calçada de Santa Maria foi a expressão *ni hao* encontrada como o nome de uma loja de produtos variados como bolsas, mochilas, capas de celulares, entre outros. *Ni hao* é uma expressão própria do mandarim, uma das línguas chinesas, e pode ser traduzida por “oi” ou “olá”⁴, uma saudação amigável para cumprimentar as pessoas. Nesse caso, estamos diante de um sinal não oficial e que demonstra uma relação com a cultura chinesa, destacando-se das demais outras lojas, que conforme veremos, apresentaram sinais que remetem às línguas de origem europeias.

⁴ Para verificar a tradução ver: <https://www.a-china.info/dicionario>

Figura 2: Sinal não oficial



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Calçada de Santa Maria.

Na figura 2, nos deparamos com um encontro entre um elemento do português, na variedade sul rio-grandense, e o inglês: *Bah! Streetwear*. A loja estava fechada no dia em que foi realizada a fotografia e por isso não nos foi possível verificar com mais atenção os tipos de produtos que comercializa. Entretanto, dado que a palavra *streetwear* faz referência ao estilo casual de roupas que figura na comunidade urbana das cidades, podemos supor que se trata de um ponto comercial que concentra a moda urbana aliada ao “estilo gaúcho” dada a presença da expressão “bah!” como parte do sinal. O nome evidencia um enunciado que estabelece o traço regional, marcado pela presença do “bah” e junto ao termo em inglês, tem-se um efeito de sentido com “maior status”, dada a simbologia que a língua inglesa carrega por ser língua que representa países com grandes economias e influências mundiais.

Figura 3: Sinal não oficial



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Rua Floriano Peixoto.

Na figura 3, dispomos de dois sinais que, essencialmente, produzem um mesmo efeito de sentido: chamar a atenção do público feminino como possível clientela, pois ambas oferecem produtos de moda feminina. Na primeira foto temos um jogo interessante entre sentido e fonemas no sinal *Donna Chica*, pois *donna* é uma palavra italiana que significa “mulher”, porém possui uma pronúncia sutilmente parecida com a palavra do português “dona”, que tanto significa “proprietária”, ou seja, alguém que possui algo, como também remete à forma de tratamento honorífico atribuída às mulheres de famílias nobres de Portugal e do Brasil, dando sempre um sentido de respeito (Dona Leopoldina, por exemplo). Por sua vez, “Chica” sinaliza tanto um nome (uma forma de diminutivo ou apelido para ao nome “Francisca”), como também lembra o termo de origem francesa *chic*, que caracteriza algo como tendo “elegância”, ou de caráter “fino” e “sofisticado”.

Figura 4: Sinal não oficial



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Rua Floriano Peixoto.

Considerando a língua francesa, em *La Femme* temos um outro exemplo de sinal que se traduz como “a mulher”, reforçando o perfil da loja de moda feminina e que praticamente realiza uma continuidade de enunciados na mesma rua, pois nas lojas vizinhas tem-se os nomes: *Daiane Store*, *Klage for Women* e *Le Muse*.

Figura 5: Sinal não oficial



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Rua Dr. Alberto Pasqualini.

Na figura 5, temos exemplos que realizam uma “mistura” entre elementos de línguas diferentes dispostas de maneira a produzir um sentido pela união de línguas diferentes para produzir sentido. Na primeira foto, o sinal *Fastescova* acompanhado da sentença “Você linda todo dia!” junta a palavra *fast*, “rápido” em inglês, com o elemento “escova”: para o público feminino realizar um tratamento estético no cabelo é algo tão rápido, que permite a cliente estar “linda” todos os dias, mesmo durante a semana, que geralmente a maioria das pessoas não possui tempo livre. Avaliando a fonética da pronúncia de *fast*, podemos inferir que também ocorre uma leve associação com o termo “festa” do português: arrumar-se e estar linda todo dia é como ir para uma festa.

Figura 6- Sinal não oficial.



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Rua Dr. Alberto Pasqualini.

Na foto é possível observar que tratar-se de uma loja destinada à venda de roupas esportivas, conciliando com o sentido do nome *Praxis*, termo de origem grega que significa “prática” ou “ação concreta” com os tipos de produtos vendidos. Também é possível identificar na vitrine da loja um anúncio que une inglês e grego: *Black Praxis*, fazendo referência ao período de promoção antes das compras natalinas, já que *black* vem da expressão de língua *black friday*, última sexta-feira do mês de novembro onde geralmente são oferecidos menores preços nos produtos para alavancar as vendas de fim de ano. Novamente, a língua inglesa se realiza com efeito de prestígio, reforçando no imaginário comum, dado que não só encontramos outros exemplos de sinais com indicações de promoções de *black friday*, como também encontramos diferentes léxicos em inglês, como pode-se verificar no próximo exemplo:

Figura 7: Sinal não oficial.



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Rua do Acampamento.

Na figura 5 são dispostos dois sinais que não só trazem enunciados escritos em língua estrangeira como também trazem o registro do nome de lugares, deixando de maneira mais explícita a menção aos contextos que ultrapassam nossas fronteiras nacionais. O primeiro sinal *London Tattoo Shop*, que pode ser traduzido por “Londres: Loja de Tatuagem” ou “Loja de Tatuagem de Londres”, não nos exigiu muito esforço para lembrar de que Londres é uma cidade muito distante de Santa Maria e nos fez questionar se não faria mais sentido os proprietários do estabelecimento expressarem

uma relação mais direta com o local em que atuam. Talvez se o sinal apresentasse o nome “Santa Maria Tattoo Shop”, diminuiria a sensação de distanciamento ao olhar para esse sinal. Nos pareceu que é como se buscassem um sentido maior, afastando-se daquilo que se encontra na cidade gaúcha.

Figura 8- Sinal Oficial



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo - Rua do Acampamento.

O segundo sinal apresentado é o *Caffè Italia*. Ainda que não ofereça pronúncia diferente, o registro escrito se apresenta em língua italiana. Além disso, ocorre também o efeito de prestígio se considerarmos que o *Caffè Italia* funciona ao lado da AISM - Associação Italiana de Santa Maria e que também sedia em seu interior a Agência Consular Italiana em Santa Maria, configurando-se como uma expressão de “oficialidade”, conforme a imagem abaixo:

Figura 9- Associação Italiana de Santa Maria/RS



Fonte: Luciane Brun⁵.

⁵ Site da localização da foto: <https://radiomedianeira.com.br/>

Para nós, esse é um exemplo de sinal oficial, uma vez que são lugares que acabam por exercer influência no que se relaciona com aos interesses em processos de cidadania, estudo da língua oficial da Itália e demais outras atividades relativas ao contexto italiano no imaginário da cidade.

Nas imagens selecionadas para as figuras 7, 8 e 9, é possível identificar uma alusão à simbologia dos Estados-nacionais representados pelas cores das bandeiras inglesa, italiana e brasileira (na parte superior à direita na foto da figura 8 e na figura 9). Ou seja, os enunciadores assumem tanto no texto quanto na imagem sentidos que remetem ao plano externo ou ao plano oficial, como se buscassem uma legitimação externa para reforçar o sentido de “autoridade” pelo prestígio atribuído à simbologia dos respectivos Estados-nações.

Ao comparar os demais exemplos de sinais não-oficiais com este último exemplo de sinal oficial, representado pela Associação Italiana de Santa Maria (AISM), entendemos a colocação da língua italiana no centro da cidade como maneira de fomentar o seu valor de prestígio e de memória para a comunidade santamariense.

A paisagem linguística evidencia “a diversidade dos grupos que habitam um território ou região específica, bem como pode ser reflexo do poder e prestígio de algumas línguas (ou comunidades de fala) em relação a outras.” (Berger, 2022, p. 130). Logo, é no sentido dos “valores positivos” (sociais e econômicos) relacionados à língua italiana que identificamos o interesse manter uma instituição como a AISM, pois tanto oferece cursos de italiano como também funciona como Agência Consular.

Considerando que Santa Maria e os demais municípios que integram a região conhecida como Quarta Colônia de Imigração Italiana (a saber: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal

Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins) possuem forte influência dos movimentos migratórios de italianos para o interior do estado, não nos surpreende reconhecer as manifestações de língua italiana na região. Fato que implicou a criação de entidades que objetivavam a preservação de costumes e também o suporte às necessidades nos primeiros anos da colônia. Segundo Zanini (2006, p.112), foi criada a Società di Mutuo Soccorso Umberto I, em Silveira Martins no de 1885 e em Santa Maria as instituições Società Cristoforo Colombo em 1900, o Ginásio Ítalo-Brasileiro em 1907, posteriormente denominado Instituto Ítalo-Brasileiro e a Società di Mutuo Soccorso e Ricreativa em 1914, que em 1992 se tornou a Associação Italiana de Santa Maria. Assim, entendemos que

[...] a história de Silveira Martins e Santa Maria da Boca do Monte, hoje Santa Maria, está umbilicalmente conectada quanto ao processo de colonização italiana. Silveira Martins que foi distrito de Santa Maria até 1987, exportou muitos descendentes de imigrantes italiano se que chegaram a caracterizar alguns bairros, como o Dores, por exemplo, considerado um típico bairro de classe média italiana na cidade ou o Bairro Camobi, antiga Estação Colônia, localidade na qual residem muitos descendentes que se converteram em funcionários públicos federais ou militares devido à proximidade com a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) e à Base Aérea. Esses conglomerados de descendentes permitem que determinadas áreas da cidade sejam percebidas, não geograficamente, mas simbolicamente, como mais ou menos italianas. Muitos descendentes rumaram para o núcleo urbano de Santa Maria visando oportunidades de ascensão social, uma vez que as terras foram se tornando escassas para a descendência dos italianos, numerosa e farta (Zanini, 2006, p. 113).

Dessa forma, desde a vinda dos primeiros imigrantes italianos, a língua e a cultura se fizeram presentes na paisagem linguística santamariense por fazer parte da história social local. A participação dos italianos e posteriormente dos

descendentes nas instituições locais ajudam a caracterizar no imaginário os sinais que apresentam termos em língua italiana ou que fazem referência à cultura italiana. Não é uma apropriação que está afastada da vivência dos sujeitos, pelo contrário, é uma demonstração de uma comunidade que possui traços identitários com a passado da imigração e que, através da memória, busca ainda a manter o contato com uma língua e uma cultura de prestígio simbolizada pela Itália de hoje. Mesmo que não seja a língua dos italianos que vieram para a região e fundaram as colônias, existe um claro esforço nas expressões locais para a legitimidade da língua oficial da República Italiana, demonstrando o interesse no status e em seu valor simbólico a partir da história social da região.

Considerações finais

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado um levantamento imagético de sinais não oficiais e de sinal oficial localizados em vias públicas, tendo sido consideradas respectivamente placas comerciais e a fachada da Associação Italiana de Santa Maria. Por meio da pesquisa, constatamos inúmeras placas que continham termos em línguas estrangeiras, a mistura de línguas diferentes em um mesmo sinal (como por exemplo visto em *fast* e “escova”) ou mesmo o encontro entre uma expressão de origem estrangeira com uma expressão local pelo uso de “bah” e *streetwear*.

A coleta do corpus se mostrou muito significativa para exercitar nosso olhar pesquisador, que, se não fosse pela atividade, provavelmente não teríamos notado a grande quantidade de registros multilíngues que estão dispostos no trecho percorrido, o que reforça a ideia de que não podemos perder de vista “que essa visibilidade é dissimuladamente parcial e dependente de quem a descreve e analisa” (Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020, p. 1032). Exercendo o papel de pesquisadores, notamos

que o olhar crítico para o reconhecimento das diferentes línguas em nosso espaço de circulação cotidiana foi fundamental para uma melhor compreensão em relação às paisagens linguísticas do centro de Santa Maria. Podemos notar que os enunciadores assumiram uma postura de apropriação/empréstimos de outras línguas para constituir os sinais, mobilizando sentidos de prestígio e legitimação, oferecendo uma grande liberdade aos sujeitos produtores dos enunciados, ao ponto deles criarem novos termos pela união de diferentes línguas. É quase um simulacro, em pequena escala, do que acontece em zonas fronteiriças: não se tem um limite para as línguas, pois elas se cruzam, se “contaminam” e se influenciam por meio dos usos realizados pelos falantes, o que demonstra a diversidade linguística que se insere em Santa Maria.

Esse foi nosso primeiro contato com a coleta em campo de paisagens linguísticas e optamos por trabalhar com um recorte do corpus que foi constituído. Ao nosso ver, ficou clara a forte influência de termos ou expressões da língua inglesa, porém não é a única língua não nacional a ser manifestada no centro comercial urbano, o que nos permitiu refletir como a seleção desses nomes em diversos idiomas (re)criam o espaço urbano santamariense. Para futuras análises, acreditamos ser interessante considerarmos os demais sinais registrados em nosso *corpus*, bem como dar mais atenção para sinais oficiais e não oficiais que possam fornecer mais dados sobre as relações de poder nas vias públicas, pois ficou evidente a existência de uma escolha política dos enunciadores pelo uso de línguas de maior prestígio cultural ou econômico.

Referências

BERGER, Isis Ribeiro; LECHETA, Michelle. Rev. Entrepalavras. *A paisagem linguística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva*. Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 396-414, maio-ago/2019.

BERGER, Ísis Ribeiro. Rev. Cadernos de Letras da UFF. *Pluralidade linguística e políticas linguístico-educacionais no Brasil: rumo à gestão do multilinguismo: Towards Multilingualism Management*. V. 32, n. 62, p. 119-142, 30 jul. 2021.

BERGER, Isis Ribeiro. *As línguas pelas ruas da cidade: o estudo da paisagem linguística urbana em contextos plurilíngues*. In: SEVERO, Cristine Gorski (org.). *Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas*. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2022, cap. 5, p. 127-147.

FERNANDES, Cláudia Regina Ponciano. Rev. Prolíngua. *A paisagem linguística e a multimodalidade em fachadas de casas de festas infantis: um diálogo possível*. V. 14, n. 2, p. 45–59, 2020.

MELO-PFEIFER, Sílvia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Paisagens Linguísticas: ideologias, discursos e práticas multilíngues nos espaços sociais*. Domínios de Lingu@gem, Uberlândia, v. 14, n. 4, p. 1024–1058, 2020. DOI: 10.14393/DL44-v14n4a2020-1.

PAIVA, Claudia Gomes. Brasil: nação monolíngüe?. In: ARAÚJO, José Cordeiro; et al. *Ensaio sobre impactos da Constituição Federal de 1988 na sociedade Brasileira*. Brasília: Edições Câmara, 2008, v. 1, cap. 11, p. 187-201.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. 1. ed. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2006.

Submissão: março de 2025.

Aceite: maio de 2025.